

Mosaico Proibido

Editorial

Nahun Thiaghor Lippaus Pires Gonçalves
nahunthiaghor@gmail.com

Steferson Zanoni Roseiro
dinno_sauro@hotmail.com

A consolidação de um movimento político que tenta exterminar qualquer tentativa de diálogo e representação coletiva ganha mais força em plena pandemia. O pertinente distanciamento social proporciona meios para firmar um modelo remoto de educação que, quando não enforca, amordaça os corpos. Mais uma tentativa de nos fazer calar, mais uma tática fascista de impor limite à explosão de vida. Religiosamente, convenções morais cheias de verdades superiores afirmam o que devemos ou não conversar na educação. Sexualidade? Gênero? Relações étnico-raciais? Decididamente está fora de questão! Certo?

Pelo contrário!

Conforme deixa evidente a proposta do dossiê “**Gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na escola: conservadorismos e ressemantizações**” feita pelo Professor Paulo de Tássio Borges da Silva, nossa existência não se apaga assim, por rezas e preces, por meio de políticas higienizadas, pela moral que se consolida fortemente nos currículos oficiais. Essas são táticas de uma parcela burguesa que assumiu o poder e tenta passar a imagem de podridão e sujeira às fugas normativas de gênero masculino e feminino, às multiplicações de pele-raça-culturas-etnias-povos-gritos, apagando os diálogos sobre sexualidade dos aparatos legais para forçar a escola a decapitar seus vândalos arruaceiros do gênero em guilhotinas burocráticas.

Deveras sabemos como reagir, insurgir e romper com os limites e regras que condicionam a vida e a vida escolar à pobreza insana de criatividade, pois como pesquisadores, professores, alunos e trabalhadores da educação, compreendemos historicamente o que os famigerados pelo poder tentam impor com seus discursos não é ordem nem progresso, mas sim uma padronização linear para a servidão das vidas. Em evidência, o ataque em plena pandemia de Covid-19 do governo às diretrizes de segurança e saúde das Organizações das Nações Unidas demonstra, mais uma vez, o que somos para o sistema: **animais de corte**. Contudo a escola resiste. Nessa resistência as pesquisas em educação que abordam gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais são convidadas a compor outros diálogos.

Talvez não tão novos, mas nitidamente necessários.

Os gritos de balbúrdia – as pesquisas nessa edição da Revista Pró-Discente – poderiam ser apresentadas no formato padrão, uma a uma para localizar o leitor, mas esse é um convite insano. Queremos, antes, que apareçam as forças coletivas das escritas como sussurros, como palavras que são rasgadas de um convite. Porque nosso encontro aqui é secreto! As forças oficiais não querem que nos encontremos. Então entregamos cartinhas que, após serem lidas, devem ser rasgadas, queimadas, despejadas, enterradas. Fica, aqui, apenas uma palavra ou outra que escapou.

Os diálogos sobre isso são perigosos e estão sendo exterminados, proibidos e até apagados. Apagamos, também, nossas ideias, nossas leituras, nossos esboços. Leia! Leia tudo! E, depois, delete da memória. Deixe apenas a ideia, o rastro de migalhas, os perigos. Suspeite de tudo! Nossa ideia aqui é aguçar sua curiosidade.

Depois de nosso encontro, restará apenas uma única prova de nossa presença aqui.

Chamaremos, quiçá, de um mosaico proibido.

educacionais. Atacam-nos por pulsar em nossas veias na defesa de uma ideologia plural e democrática.

Os trabalhos nessa edição são sobre identidades, resistências e coletivos.

Pensamos que não haveria maneira melhor de apresentá-los do que unidos, do que fazendo deles um cântico de batalha. E que nos desculpem aqueles que tinham suas expectativas em conformidade com o que antes era padrão.

Fugimos de onde nos querem bem comportados.